# ABBY JIMENEZ

Autora de *Parte do seu mundo*

# PARA SEMPRE SEU

ARQUEIRO

**"Abby é uma escritora muito talentosa."**
**– EMILY HENRY, autora de *Loucos por livros***

# Nota sobre o conteúdo

Este livro é especial para mim por muitos motivos, mas, antes que você vire a página, só quero avisar sobre algumas situações delicadas: a traição que uma protagonista sofreu num relacionamento anterior, a lembrança de um problema na gravidez, uma menção a suicídio e a ansiedade de um personagem. Apesar desses temas, os leitores desfrutarão de risadas e finais felizes. Há mais orientações sobre o conteúdo na minha página no Goodreads. Muito obrigada por ler este livro, e torço para que você curta muito.

Com carinho,
Abby

*Para meu marido incrível, Carlos,*
*que cuidou de mim em épocas muito difíceis.*
*Obrigada por sempre ser inofensivo para mim.*

# 1

# Briana

– Estão chamando o cara novo de Dr. Morte.

Jocelyn estava do outro lado do balcão enquanto eu preenchia o histórico dos meus pacientes no computador.

Eu a encarei e revirei os olhos.

– Deixem o cara em paz – falei, digitando minhas anotações. – Ele só está aqui há onze horas. É o primeiro dia dele.

– Essa é a questão – sussurrou ela. – A taxa de morte é cem por cento.

Ri, mas sem desviar o olhar da tela.

– Vocês não podem chamá-lo assim. Não vai ser nada bom se os pacientes ouvirem as enfermeiras cochichando sobre um Dr. Morte.

– Que tal Dr. M, então?

– Não.

– Por quê?

– Porque parece alguma coisa relacionada ao *tamanho* dele.

Jocelyn bufou.

– Tá, mas alguém precisa dar uma olhada nisso. Seis pacientes mortos?!

Olhei para o meu relógio.

– A gente trabalha numa emergência, Jocelyn. Morte não é exatamente uma novidade.

– Você não é a chefe da emergência? Não é seu *trabalho* investigar esse tipo de coisa?

Digitei a última letra e olhei para ela.

– O Dr. Gibson ainda não se aposentou e o conselho não votou a substituição dele, então não, não é meu trabalho.



Para sempre seu_384p (novo).indd 9 11/09/2023 17:16

– Mas vai ser. Esse cargo com certeza vai ser seu. Você não acha que deveria começar a exercer sua futura função e parar essa carnificina?

Ela deu um passo para trás e cruzou os braços.

Senti os olhos de vários enfermeiros me espreitando por todo o andar. Jocelyn fora enviada como embaixadora. Quando os enfermeiros encucavam com alguma coisa, não desistiam nunca. Coitado do cara. Ele não ia gostar do hospital.

Soltei um longo suspiro.

– O primeiro paciente tinha 96 anos e um problema no coração. O segundo era uma vítima de derrame de 89 anos com uma ordem de não reanimação. O terceiro sofreu um esmagamento num acidente de carro, e só Deus poderia ter salvado aquele homem, sei porque dei uma olhada nas chapas de raios X. O paciente número quatro tinha um ferimento a bala na cabeça, e não preciso te lembrar que o índice de fatalidade nesse caso é de noventa por cento. A vítima estava em coma, sem nenhuma evidência de atividade cerebral. O número cinco era um paciente de câncer em cuidados paliativos, e o seis estava com uma septicemia tão grave que chegou praticamente morto. – Eu a encarei nos olhos. – *Não* é *culpa dele.* Às vezes acontece.

Jocelyn comprimiu os lábios, formando uma linha reta.

– Às vezes. Mas não no primeiro dia – argumentou ela.

Tive que concordar. A chance era mesmo muito baixa. Mas ainda assim…

– Olha… Encaminhe todos os pacientes novos para mim, tá? – falei, meio cansada. – Só falta uma hora para o plantão dele acabar. E nada de Dr. Morte. Por favor.

Ela me lançou um olhar sério.

– Ele é um grosso, sabia?

– Grosso como? – perguntei.

– Ele mandou o Hector guardar o celular no armário. *Você* nunca obriga a gente a fazer isso.

– Hector não está no meio de um término épico com o José? Ele deve ficar olhando o celular de cinco em cinco segundos. Provavelmente eu teria pedido a mesma coisa.

A porta do quarto 8 se abriu, e de lá saiu um cara ruivo de uniforme preto. Ele estava de costas para mim, então não consegui ver seu rosto. Observei-o tirar as luvas e jogá-las num cesto de lixo hospitalar. Ele



Para sempre seu_384p (novo).indd 10 11/09/2023 17:16

pressionou o nariz, respirou fundo e se arrastou em direção ao vestiário com a cabeça baixa.

Logo em seguida, Hector saiu do quarto e olhou para nós. Levantou sete dedos e puxou o ar por entre os dentes.

Jocelyn me lançou um olhar que dizia "Eu avisei", mas balancei a cabeça.

– Nada de Dr. Morte. Agora, vai fazer algo produtivo, vai.

Ela fez beicinho, mas foi.

Meu celular tocou, e tirei o aparelho do bolso.

**ALEXIS:** Quero te visitar no dia 19.

Digitei uma resposta:

Eu estou bem.

Eu *não* estava bem. Mas também não ia tirar minha melhor amiga grávida do conforto da lua de mel para que ela ficasse comigo na casa abandonada e mal-assombrada que minha vida tinha virado. Eu a amava demais para torturá-la assim.

O celular tocou.

Fiquei de pé, entrei de fininho num quarto vazio e atendi.

– Eu já disse que estou bem – falei.

– Não. Eu vou. A que horas você sai?

– Alexis. – Soltei um gemido. – Eu só quero fingir que esse é um dia como qualquer outro.

– *Não é* como qualquer outro. É o dia em que o seu divórcio sai. É importante.

– Não vou fazer nenhuma idiotice. Não vou ficar bêbada e ligar para ele. Não vou encher a cara e vomitar no meu próprio cabelo…

– Estou mais preocupada com a possibilidade de você jogar coquetéis molotov pela janela dele.

Eu ri.

– Já essa é uma preocupação válida – resmunguei.

Quando se tratava de Nick, meu histórico não era exatamente o de uma pessoa calma e racional. Eu gostaria de poder dizer que agi com equilíbrio



Para sempre seu_384p (novo).indd 11 11/09/2023 17:16

e graça quando finalmente descobri que ele me traía, uma imagem de dignidade diante de uma mágoa inimaginável. *Na verdade*, o que fiz foi perder completamente a cabeça. Joguei minha aliança no vaso, dei descarga e reguei as plantas dele com água sanitária. Depois liguei para a mãe dele e falei que tipo de homem ela havia criado – e eu estava só começando. Eu mesma fiquei chocada com o nível de mesquinharia a que estava disposta a me rebaixar. O *grand finale* das profundezas de minha depravação foi tão vergonhoso que proibi Alexis de tocar no assunto.

– A não ser que você tenha um encontro, eu vou – disse ela.

– Rá. Até parece.

Eu me sentei numa maca e apoiei a testa numa das mãos.

Desde que terminei com Nick, tive alguns dos piores encontros da história da internet. A quantidade de lixo que acabei encontrando no Tinder no ano passado foi tão desanimadora que fez com que Nick parecesse o Príncipe Encantado.

– Ainda não deu sorte? – perguntou ela.

– Mês passado saí com um cara que tinha um bafômetro instalado no carro por ordem judicial, de tanto que ele foi pego dirigindo bêbado. Ele pediu que eu soprasse no aparelho para o carro ligar. Também teve o cara que chegou com uma suástica tatuada no pescoço. No último encontro, a mulher do cara, que eu nem sabia que existia, apareceu no restaurante e perguntou se era com aquilo que ele gastava o dinheiro que tinha pedido para comprar o material escolar dos filhos. Ele havia me dito que não tinha filhos.

Alexis devia ter ficado pálida.

– Ah, que *nojo*.

– Você não tem ideia da sorte que teve ao encontrar o Daniel. Sério, ofereça um sacrifício aos deuses do namoro em gratidão. – Olhei para o relógio. – Preciso ir, estou no meio do plantão. Ligo quando sair.

– Tá. Mas me liga mesmo – disse ela.

– Vou ligar, sim.

Desligamos. Fiquei um tempinho sentada ali olhando a parede. Havia um quadro de avaliação da dor pendurado, e rostinhos desenhados com várias expressões acima dos níveis de dor correspondentes. Um rostinho verde sorridente acima do número zero. Um rostinho vermelho chorando acima do dez.



Para sempre seu_384p (novo).indd 12 11/09/2023 17:16

Mantive os olhos fixos no dez.

Eu estava conseguindo não pensar demais no dia 19. Esperava que, se não me ativesse à data, talvez, com sorte, só me lembrasse dela alguns dias depois de já ter passado. Nick e eu estávamos separados havia um ano. A data só oficializaria a separação por meio de documentos. Na prática não mudaria nada.

Ainda assim…

Talvez Alexis tivesse razão e eu não devesse ficar sozinha caso a data fatídica me pegasse de surpresa como um soco no peito.

A última hora de trabalho foi tranquila. Atendi o único paciente que chegou – ninguém morreu. Mas, para ser justa, foi o paciente de sempre, o Cara do Nunchaku, com mais uma concussão, então a sorte estava a meu favor.

Eu me preparava para ir embora quando Jocelyn voltou.

– Olha, Gibson quer falar com você antes do fim do plantão. – Os olhos dela estavam brilhando. – É agora! – cantarolou ela. – Ele vai te oferecer o cargo.

Gibson era o chefe da emergência do Royaume. Ia se aposentar naquele mês. Tecnicamente, já fazia quase um ano que ele tinha se aposentado. Alexis ficou com o cargo quando ele saiu, mas pediu demissão depois de um mês porque ia se mudar com o novo marido para uma cidadezinha no meio do nada e abrir a própria clínica, e aí Gibson voltou.

– Impossível o conselho já ter votado, então duvido – falei. – Mas agradeço a confiança.

Mas então pensei bem, e talvez ele fosse *mesmo* me oferecer a vaga.

Ninguém além de mim tinha demonstrado interesse. Ninguém mais estava concorrendo. Eles tinham mesmo que votar? Sobre o que mais Gibson poderia querer conversar comigo?

Levemente animada, atravessei o corredor em direção à sala dele. Quer dizer, aceitar o cargo implicaria um volume imenso de trabalho. Seis dias por semana, oito horas ou mais. Mas eu estava preparada. O hospital Royaume já era minha vida. Melhor então que eu dedicasse todo o meu potencial a ele.

Dei uma batidinha no umbral da porta dele.

– Oi. Você queria falar comigo?

Gibson levantou a cabeça e deu um sorriso caloroso.



Para sempre seu_384p (novo).indd 13 11/09/2023 17:16

– Entre.

Sentado à mesa, com o cabelo grisalho penteado para trás com cuidado, ele me lembrava um vovozinho querido. Eu gostava dele. Todos gostavam. Gibson ocupava aquele cargo desde sempre.

– Feche a porta – disse enquanto assinava alguma coisa.

Eu me sentei na cadeira à sua frente.

Ele terminou de lidar com a documentação e deixou-a de lado, dando um sorriso largo e cheio de dentes.

– Como você está, Briana?

– Bem – respondi, animada.

– E seu irmão, Benny?

– Tão bem quanto possível.

– Bom, fico feliz em saber. Isso tudo é uma infelicidade. Mas ele tem médicos ótimos.

Assenti.

– O Royaume é o melhor. Falando nisso, estou entusiasmada para começar… Não que eu esteja ansiosa pela sua saída – acrescentei.

Ele deu uma risadinha.

– Vai ter votação? – perguntei. – Ninguém mais está concorrendo.

Ele entrelaçou os dedos e apoiou as mãos na barriga.

– Bom, era sobre isso que eu queria falar com você. Queria dizer pessoalmente. Decidi adiar a aposentadoria por mais alguns meses.

– Ah. – Tentei disfarçar a decepção. – Tá bem. Achei que você e Jodi fossem se mudar para um casarão na Costa Rica.

Ele riu, bem-humorado.

– E vamos. Mas a viagem pode esperar. Quero que todos tenham um tempinho para conhecer o Dr. Maddox antes de votarmos. Parece justo.

Pisquei, confusa.

– Perdão. Quem?

Ele fez um aceno de cabeça indicando a emergência.

– Dr. Jacob Maddox. Ele começou hoje. Foi chefe da emergência no Memorial West nos últimos anos. Ótima pessoa. Bastante qualificado.

Fiquei muda por uns bons segundos.

– Você vai adiar a votação? Por causa *dele*?

– Para dar à equipe uma chance de se familiarizar com ele.



Para sempre seu_384p (novo).indd 14 11/09/2023 17:16

– Para dar uma vantagem a ele – falei, categórica.

Ele pareceu meio surpreso com minha reação.

– Não, para que seja justo. Você sabe tão bem quanto eu que essas coisas podem praticamente virar um concurso de popularidade, e ele merece uma chance.

Fiquei olhando para Gibson, incrédula.

– Você vai mesmo fazer isso. Vai adiar a votação para ele ter mais chance de conseguir o cargo. Eu estou aqui há *dez* anos.

Ele me encarou com uma expressão séria.

– Briana, preciso pensar no que é melhor para o departamento. É sempre preferível ter um leque maior. Não há glória nenhuma em conseguir o cargo por falta de opção…

– Não seria por falta de opção. Seria por mérito. Dez anos de mérito.

O olhar dele demonstrava toda a paciência.

– Sabe, Alexis não foi eleita sem concorrência. Competição é saudável. Se o cargo for seu, ainda vai ser seu daqui a três meses.

Fiquei sentada ali tentando respirar com calma. Tive que dar tudo de mim para não gritar: "Estão chamando o cara de Dr. Morte!"

– São só três meses – continuou Gibson. – Depois votamos, eu vou beber água de coco em alguma praia por aí e você também vai estar exatamente onde quer estar, espero. Aproveite a calmaria antes da tempestade. Passe um tempo com Benny.

Soltei o ar devagar para me recompor.

Gibson devia conhecer o tal do Dr. Morte. Eles deviam ser amigos. Provavelmente jogavam golfe juntos ou algo do tipo. Aquilo tudo cheirava a favorecimento. Mas que escolha eu tinha? Se Gibson havia decidido não se aposentar ainda, eu não podia fazer nada.

– Obrigada por me avisar – falei, um pouco rígida.

Eu me levantei e saí.

Assim que cheguei ao carro, liguei para Alexis.

– Odeio o novo médico – disse quando ela atendeu.

– Bom… oi.

– Chamam o cara de Dr. Morte. Ele matou sete pacientes hoje. *Sete*. Primeiro dia.

– Bom, acontece.



Para sempre seu_384p (novo).indd 15 11/09/2023 17:16

Ela parecia distraída.

– E ouve só essa: Gibson vai adiar a aposentadoria para o médico novo ter a chance de concorrer à chefia. É uma merda de um clube do bolinha.

– Aham – resmungou ela.

Fiquei ouvindo por um instante. Então me encolhi, horrorizada.

– Ai, meu Deus! Vocês estão se pegando? Eu estou no telefone!

Ela e Daniel viviam grudados. Acho que só não davam amassos durante as refeições.

Massageei a têmpora.

– Você pode, por favor, jogar um pouco de água gelada nele e conversar comigo? Estou no meio de uma crise.

– Desculpa, espera.

Ela sussurrou alguma coisa que não consegui ouvir e deu uma risadinha. Então *ele* deu uma risadinha.

Revirei os olhos e esperei. Aquele ano marcaria a minha história de origem como vilã. Eu tinha certeza.

Ouvi uma porta se fechando ao fundo e ela voltou ao celular.

– Pronto. Estou aqui. Me conte tudo.

– Então, o médico novo é um figurão que veio do Memorial West. Acho que ele era o chefe lá, e aí o Gibson quer adiar a aposentadoria para que todos possam conhecer ele melhor. O cara é um babaca, os enfermeiros odeiam…

– Bom, se os enfermeiros odeiam o cara, você não tem com que se preocupar.

– Não é essa a questão! Você acha que o Gibson faria isso se o médico novo fosse uma mulher?

Ouvi Alexis apertando botões num micro-ondas.

– É… acho. Gibson é bem justo. Não imagino ele transformando isso numa questão de gênero.

– Você deveria ficar do *meu* lado.

– Eu *estou* do seu lado. Olha só, não tem como você não conseguir o cargo. Ele te fez um favor. Acabou de devolver seu verão sem você ficar presa à emergência oitenta horas por semana. Benny precisa de você neste momento. É melhor você estar livre nos próximos meses enquanto ele se adapta.



Para sempre seu_384p (novo).indd 16 11/09/2023 17:16

Fiquei em silêncio. Do jeito que Benny estava, eu provavelmente passaria tanto tempo com ele na emergência quanto em casa. Engoli em seco, com dificuldade, como sempre fazia quando pensava em meu irmão.

– Então, como é esse médico novo? – perguntou Alexis, claramente querendo mudar de assunto.

– Não faço ideia – resmunguei. – Ele parece um demônio das sombras. Sempre que entro no ambiente em que ele está, ele sai pela outra porta. Vi a nuca do sujeito algumas vezes, e só.

– Você não se apresentou quando ele chegou?

– Eu *ia* fazer isso. Mas a emergência lotou assim que bati o ponto. E, quando tudo se acalmou, não consegui encontrá-lo. Parece até que o cara se enfia em algum depósito de suprimentos quando não está declarando a morte dos pacientes.

– Veja bem – disse ela, voltando ao assunto. – Todo mundo te ama. A votação vai ser fácil, não importa quem esteja concorrendo com você. E esse médico novo, dou um mês para ele. Os enfermeiros vão acabar com ele. Até o final do verão, você vai ser a primeira chefe salvadorenha da história do Royaume, *te lo prometo*.

Alexis sabia três línguas: inglês, espanhol e língua americana de sinais. Ela era brilhante, uma filantropa reconhecida no mundo inteiro, de uma família de prestígio – e ainda por cima otimista.

Ouvi Alexis abrir a porta do micro-ondas.

– Ah, quando eu for aí vou fazer bolinhos para você – disse ela.

E, para completar, tinha passado a cozinhar. Tive que rir, apesar do meu humor. Alexis fazendo bolinhos era como se eu de repente começasse a cortar lenha – o mundo acabaria antes que isso acontecesse. Ela realmente mudou para melhor quando conheceu Daniel.

Apoiei o cotovelo na janela do carro e a cabeça na mão. Senti que estava me acalmando. Conversar com minha melhor amiga sempre surtia esse efeito. Às vezes eu detestava isso nela. Em alguns momentos só queria ficar irritada, avançando na mais pura força do ódio. Eu estava grata pela minha capacidade de continuar furiosa, ainda mais naquele ano. A raiva é um combustível poderoso. Pode ser motivadora. Fortificante.

O único problema da raiva é que ela queima rápido. A chama tende a não durar.



Para sempre seu_384p (novo).indd 17 11/09/2023 17:16

A chama da tristeza dura. Da mágoa. Da decepção.

Eu me dei conta de que estava com medo de que isso acontecesse no dia 19. Meu divórcio sairia, minha raiva finalmente se extinguiria e eu ficaria com o que restava de mim.

O que não era grande coisa.



Para sempre seu_384p (novo).indd 18 11/09/2023 17:16

# 2

# Jacob

Parei no estacionamento e fiquei sentado olhando pelo para-brisa, pensando se não seria melhor ir embora.

Amy e Jeremiah queriam conversar comigo.

Só havia um motivo para eles precisarem fazer isso àquela altura. E eu sabia qual era. Fazia meses que eu esperava que isso acontecesse.

Senti quase um alívio mórbido por finalmente acabarmos com aquilo. Fiquei olhando para o letreiro com melancolia.

Grill do Machado.

Foi onde eles decidiram conversar, uma droga de um bar com arremesso de machado. Iam soltar a bomba ali? O lugar do encontro era só um pouco menos terrível que a notícia que eu estava prestes a receber.

Seria barulhento. Teria gente bêbada. Pessoas com arquinho de noiva e chapéu de aniversário fazendo farra, gritando acima da música. Era o tipo de lugar que parecia apertado, como se as pessoas estivessem sentadas em cima umas das outras. Estranhos esbarrariam em mim, os banheiros estariam nojentos e cheios e as mesas, grudentas. Como uma versão adulta de uma festa infantil, mas com bebida alcoólica e caras desagradáveis de fraternidade.

Senti o coração disparado só de pensar em entrar.

Eu nunca vou a bares, a menos que me arrastem. Jeremiah deveria ter pensado nisso. Ele é meu irmão, sabe que eu não gosto desse tipo de lugar, que fico ansioso e esgotado. Mas imaginei que tivesse cedido à vontade da Amy – e aquilo era *a cara* dela. Ela me levava a lugares como aquele e ficava perplexa quando eu queria ir embora o mais cedo possível. Dizia algo como



Para sempre seu_384p (novo).indd 19 11/09/2023 17:16

“Mas a asinha de frango deles é famosa! Você adora asinha, por isso eu te trouxe aqui!” – como se o molho certo tivesse o poder de amenizar todo o resto.

Não admira que ela tenha me deixado.

Eu era sem graça, introspectivo e impossível de entender. Mesmo depois de dois anos e meio juntos.

Eu me remexi no banco, me sentindo desconfortável. Devia simplesmente ir embora. Dizer que conversaria com eles outra hora. Estava tão exausto que não conseguia nem pensar direito. Tinha começado um trabalho novo e perdido todos os pacientes que entraram na emergência.

Massageei as têmporas. Eu me sentia o próprio anjo da morte. No meu trabalho, a morte é inevitável. Não podemos salvar todas as pessoas, e é ingenuidade pensar que temos qualquer controle sobre o que entra por aquelas portas. Mas logo no meu primeiro dia?

Os enfermeiros me odiavam. Senti o desprezo no ar durante todo o plantão. E nenhum dos outros médicos foi me cumprimentar.

Eu tinha passado as últimas doze horas questionando tudo. Sair do Memorial West para trabalhar num lugar novo, abrir mão da posição de liderança, recomeçar tudo do zero. Parecia uma boa ideia na teoria, mas acho que superestimei minha capacidade de adaptação. Eu me sentia à deriva, como se um mar agitado me jogasse de um lado para outro, e todos os capitães dos navios passavam por mim rindo em vez de me jogar uma boia salva-vidas.

Entrar naquele inferno de restaurante sugaria o resto de energia da minha alma já esgotada.

Talvez pudesse encontrá-los no dia seguinte. Mas, se fosse embora, Amy e Jeremiah imaginariam que eu estava magoado. Que não tinha superado. Que não conseguiria lidar com a situação. Mesmo que eu explicasse que o problema era o lugar, não a notícia, eles nunca acreditariam em mim. Namorei Amy por anos e não consegui fazer com que ela entendesse minha ansiedade, por que entenderia agora?

Quem dera houvesse uma espécie de piloto automático que eu pudesse acionar, como geralmente fazia no trabalho. Uma memória muscular que me movimentasse. Mas eu mesmo teria que fazer aquilo. Teria que estar desperto. Totalmente consciente.



Para sempre seu_384p (novo).indd 20 11/09/2023 17:16

Soltei um suspiro demorado, desliguei a caminhonete e me arrastei para dentro do bar. Uma recepcionista com um piercing no nariz me levou até uma mesa nos fundos, onde minha ex-namorada e meu irmão mais novo estavam sentados lado a lado.

Eles riam e aproximavam o rosto um do outro, mas se afastaram de um salto assim que me viram.

Meu estômago se revirou quando olhei os dois juntos.

Jeremiah e Amy haviam sido desconvidados do jantar mensal na casa dos meus pais, então eu ainda não tinha sido obrigado a testemunhar aquilo. Fiquei nauseado.

Eu me sentei e me esforcei para parecer relaxado.

– Oi. Desculpem o atraso.

Amy mordeu o lábio como fazia quando estava nervosa.

– Tudo bem. Imaginamos que você fosse sair para beber com seus novos colegas ou alguma coisa assim. Sabe, para comemorar o primeiro dia.

Ri comigo mesmo.

– Obrigada por ter vindo – disse ela.

Assenti.

*Bam.*

*Bam.*

*Bam bam bam.*

Machados sendo arremessados contra as paredes.

Percebi que já se aproximava a visão de túnel que prenunciava um ataque de ansiedade e me perguntei quanto tempo eu ainda tinha antes de ser obrigado a me levantar e ir embora, fosse isso apropriado ou não.

Os dois ficaram ali sentados, olhando para mim como se não soubessem por onde começar.

Olhei para o relógio.

– Meu plantão começa cedo amanhã… – menti.

Amy assentiu.

– Certo. Desculpe. – Ela colocou o cabelo atrás da orelha. – Então, não sei muito bem como dizer isso…

– Vocês vão se casar – falei.

Vi a confirmação em sua expressão antes mesmo que ela dissesse alguma coisa.



Para sempre seu_384p (novo).indd 21 11/09/2023 17:16

Ela fez que sim.

– Vamos nos casar.

*Bam. Bam bam bam.*

Risadas, gritos, garfos batendo nos pratos. Alguém derrubou um copo, que se estilhaçou, e todos comemoraram. O ambiente foi escurecendo ao meu redor, mas me forcei a sorrir de um jeito que eu achava que pareceria autêntico.

– Parabéns – falei. – Já marcaram a data?

Ela olhou para Jeremiah, que sorriu para ela.

– Estamos pensando em julho – disse ele.

Assenti.

– Ótimo. É um bom mês. Não vejo a hora de estar ao lado de vocês.

Fiquei surpreso com o quanto eu parecia calmo.

Amy umedeceu os lábios.

– Nós, é… ainda não contamos para ninguém. Achamos que você devia ser o primeiro a saber.

– Obrigado. Mas não era necessário. Tenho certeza de que todos vão ficar emocionados. – Olhei mais uma vez para o relógio. – Este lugar é meio barulhento para mim. Acho que já vou. Parabéns. E me avisem se eu puder ajudar com alguma coisa.

Eles me olharam com gratidão. Não sei o que esperavam. Talvez achassem que, apesar da elegância com que eu tinha lidado com tudo que havia acontecido até aquele momento, a notícia do casamento pudesse me levar ao limite. Mas eu estava decidido a sustentar minha posição. Ficar indignado e irritado não mudaria nada. E eles não tinham a intenção de me magoar.

Ainda que tivessem magoado.

Fiquei de pé e tentei sair do bar caminhando numa velocidade normal. As batidas me perseguiam, cada uma era um tiro em meus calcanhares.

Despistei a onda de ansiedade no instante em que pisei na calçada e senti o ar fresco de abril. Apoiei as mãos nos joelhos e respirei com dificuldade.

Então finalmente estava acontecendo. A mulher que eu amava tinha me esquecido. Ia se casar com outra pessoa.

E essa pessoa era meu irmão.



Para sempre seu_384p (novo).indd 22 11/09/2023 17:16

No dia seguinte, meu celular tocou quando eu estava no hospital, entre um paciente e outro. Era minha irmã mais velha, Jewel. Fiquei olhando para o aparelho com um pavor resignado.

Eu teria que lidar com a onda de choque que a notícia causaria. Além dos meus próprios sentimentos, os de todos os envolvidos se derramariam sobre mim em cascata, até eu ficar encharcado.

Entrei num depósito de suprimentos e atendi.

– Jewel.

– É uma sacanagem – disse ela. – Eu não vou, só para você saber. Eles que se danem.

– Eles que se danem! – repetiu a esposa dela, Gwen, ao fundo.

Massageei a testa, cansado.

– Gwen, está tudo bem.

– É normal se não estiver, Jacob. – A voz era da minha mãe.

– Eu também não vou! – gritou uma quarta pessoa. Era minha outra irmã mais velha, Jill.

– Nem eu! – A mais nova, Jane.

Pelo visto, Amy e Jeremiah tinham contado para todo mundo junto.

– Seu pai está aqui – disse minha mãe.

– Jacob, estou aqui se quiser conversar – afirmou meu pai, a voz mais distante do telefone.

Ele devia ter sido persuadido a participar do telefonema. Declarações dramáticas não faziam seu estilo.

– Ninguém mandou semearem vento – disse Jewel. – Ninguém da família vai.

– *Eu* vou. Estou feliz por eles – menti. – Pretendo oferecer todo o meu apoio – falei com sinceridade. – E espero que vocês também façam isso.

Eles arquejaram juntos em uníssono.

– *Como* você pode aceitar isso assim? – perguntou Jewel. – Eles começaram a namorar menos de três meses depois de vocês terminarem. É nojento.

– É zoado, cara. – Walter, marido da Jill.



Para sempre seu_384p (novo).indd 23 11/09/2023 17:16

A gangue toda. Perfeito.

Eu me sentei numa caixa de papel higiênico.

– Estou bem, de verdade – falei, pressionando o nariz.

– Você *não* está bem – insistiu Gwen. – Eles são uns babacas! Como podem esperar que você vá? Como podem esperar que *qualquer um* de nós vá?

– Acho que eles não esperam nada – respondi, cansado. – Mas o fato de vocês não apoiarem a situação não muda nada. Se eles desejarem minha presença, eu vou ao casamento. Mesmo que vocês não vão.

– Jacob – disse minha mãe, cautelosa –, você sempre foi diplomático. Eu adoro isso em você, mas *não precisa* passar por essa situação. Tudo bem estabelecer limites.

– Mãe, eu estou bem, de verdade. Já esqueci. Superei.

– Superou *como*? – perguntou Jewel. – Você não saiu com ninguém desde que ela foi embora.

Jill sussurrou ao fundo:

– Talvez ele esteja se encontrando. Ele não precisa sair com alguém para superar…

– Precisa, sim! – retrucou Jill, sibilando. – Se não está transando com ninguém, então ainda está obcecado por *ela*…

– Não sabemos se ele está transando com alguém – disse minha mãe. – Só porque ele não trouxe ninguém para casa não quer dizer que não esteja transando… Jacob, embora eu acredite que redescobrir sua sexualidade depois de uma separação possa ser maravilhoso para a autoestima, um comportamento sexual de risco é mais comum após um término traumático. Caso esteja transando, você *está* usando proteção, certo? E sabe o que eu acho do uso do óleo de coco como lubrificante: é muito bom para a vagina, mas pode romper a camisinha…

– E óleo de semente de uva? – perguntou meu pai de algum lugar ao longe. – Também estraga camisinha? Eu gosto do óleo de semente de uva. É sedoso.

– Tá, podemos não falar disso? – perguntou Jewel.

– Seu pai e eu somos seres sexuais – disse minha mãe. – Não vamos fingir que não sabemos de onde vocês vieram.

Fechei bem os olhos. Aquilo era como estar no *inferno*.



Para sempre seu_384p (novo).indd 24 11/09/2023 17:16

– Jacob, você está transando com alguém? – perguntou Jill. – Acho que precisamos esclarecer isso.

Levantei uma das mãos para o céu.

– Quer saber? Estou, sim.

A mentira veio tão do nada que foi quase como se outra pessoa a tivesse pronunciado. *Por que* eu disse aquilo? Na verdade, sabia o motivo.

Era uma dessas falsidades que contamos para que todos se sintam melhor. Dizer a uma pessoa em seu leito de morte que vai dar tudo certo, quando sabemos que não vai. Era uma espécie de piedade. Por todos eles.

Acho que no fundo minha família queria aceitar o casamento. Eles amavam Amy, assim como amavam Jeremiah. Estavam chateados por questão de princípios e em meu nome, e não porque odiassem qualquer um dos dois. Só odiavam a maneira que achavam que *eu* estava me sentindo diante daquilo. Era óbvio que, por estar solteiro, eu era o ex rejeitado que precisava da proteção e da indignação deles. Mas Amy e eu nunca voltaríamos a ficar juntos, então de que adiantava tudo isso? Por que assumir essa posição em meu nome? Eu não queria que fizessem isso.

Amy e Jeremiah se casariam com ou sem o apoio da minha família. E depois viriam filhos, e esses filhos não teriam culpa de nada. Mesmo que a família inteira evitasse meu irmão e sua esposa pelo resto da vida, isso não mudaria nada. Então, se uma mentirinha inocente servisse para redirecionar o foco, eu a contaria.

– Você está saindo com alguém? – perguntou Jill. – Quem é?

– É uma pessoa do trabalho – respondi, esperando que o assunto morresse.

– Do Royaume? – perguntou Jewel. – Foi por isso que você saiu do Memorial West?

– Hã…

– Porque todo mundo achou que você tivesse saído para não ter que trabalhar com a Amy, porque estava muito magoado e triste! – Jill parecia animada. – Mas você saiu porque está apaixonado por outra pessoa e quer ficar perto dela?

Pisquei várias vezes.

– Isso? – respondi hesitante.

Todos soltaram um *Aaaaaaah*.

– Quando vamos conhecê-la? – perguntou Jane, entusiasmada.



Para sempre seu_384p (novo).indd 25 11/09/2023 17:16

– Eu… não sei – disse, gaguejando. – Ainda não estou pronto para apresentá-la a ninguém. É tudo muito novo.

Eu sentia minha família fervilhando do outro lado da linha. Droga. Eles nunca mais iam falar de outra coisa.

– Escutem – continuei, trocando o celular de orelha. – Estou tranquilo quanto ao casamento. Eu superei, e estou *feliz* por eles.

– Você vai levar sua namorada ao casamento? – perguntou Gwen com um sorriso na voz.

– É… Acho que sim. Se ainda estivermos juntos.

Mais gritinhos.

Ouvi Jewel suspirar, dramática.

– Tá – disse ela. – Tudo bem. Acho que, se você está tranquilo, eu odeio menos a situação. Mas ainda não estou entusiasmada.

– Eu gosto muito de casamentos – cedeu Jill. – Mas você tem razão, ainda estou brava com eles – acrescentou depressa.

Balancei a cabeça.

– Não fique brava com eles. Olha só, preciso ir. Estou de plantão.

– A gente se vê no jantar do dia 19? – perguntou minha mãe. – Quero lasanha, mas seu pai talvez defume um porco.

– Sim, vou ao jantar – respondi.

– Pode trazer uma garrafa de vinho?

– Sim, eu levo o vinho.

– Tá bom. Te amo!

Todos se despediram em uníssono e desligaram. Larguei o celular no colo e cobri os olhos com as mãos.

Quando a hora chegasse, teria que dizer que terminei com minha namorada imaginária. No entanto, com sorte, isso aliviaria um pouco a pressão nesse meio-tempo. Quem sabe todos enfim parassem de me olhar como se eu fosse desabar a qualquer momento.

Tudo bem, foi *mesmo* um término difícil. Mas pelo menos fiquei com o cachorro.

Eu me obriguei a levantar e sair do depósito de suprimentos – e levei um encontrão. Soltei um *Ai!*, e meu celular saiu voando e deslizou pelo chão duro.

A médica que esbarrou em mim não parou. Ela deu um salto e se afastou, voltando a correr em direção aos quartos dos pacientes.



Para sempre seu_384p (novo).indd 26 11/09/2023 17:16

– Mas o que foi *isso*? – resmunguei, pegando o celular do chão. A tela estava rachada. – Olha por onde anda! – gritei na direção que ela seguiu, irritado.

Ela nem olhou para trás. Um enfermeiro me lançou um olhar reprovador, como se *eu* fosse o babaca.

Será que todo mundo ali era grosseiro assim? O que é que havia de errado com aquele lugar?

Olhei para o celular com tristeza. Estava funcionando, mas o canto tinha se estilhaçado. O final perfeito para a pior semana de todos os tempos. Cerrei os dentes.

Segui pelo corredor na mesma direção em que a mulher tinha corrido. Eu não sabia exatamente qual era meu plano. Dar minha opinião sobre correr por ali? Exigir que ela pagasse o conserto da tela?

Espiei dentro dos quartos, um de cada vez, até encontrá-la. Ela estava ao lado da cama, de costas para mim, conversando com um jovem.

O paciente estava cinzento. Tinha um cateter de diálise no peito e a pele ao redor do cateter estava vermelha e inchada.

– Por que você não me ligou? – perguntou ela ao homem na cama. – Isso está completamente infeccionado. – Ela estava agitada, checando os sinais vitais do paciente. – Você corria o risco de ter uma septicemia. Isso é muito perigoso. – Ela tirou o termômetro da boca do paciente e balançou a cabeça. – Não pode deixar as coisas chegarem a esse ponto, Benny. Precisa me dizer quando não está bem.

Então percebi que estava sendo enxerido, mas, quando ia sair, uma enfermeira surgiu atrás de mim com uma máquina de diálise enorme, me obrigando a entrar no quarto. Dei um passo para o lado e fiquei perto da parede enquanto ela empurrava a máquina até a cama.

– Está doendo… – disse Benny baixinho.

– Eu sei – respondeu a mulher, com a voz um pouco mais suave. – Vou prescrever antibióticos e analgésicos. – Encostou a mão na testa dele. – Em alguns minutos você vai voltar a ter 16 anos, desmaiado de tanto beber Jäger num milharal.

Eu ri no cantinho, e ela se virou e me viu ali.

– É… Posso ajudar com alguma coisa?

*Meu Deus*, ela era linda. Tão linda que me desarmou. Por um instante esqueci o que estava fazendo ali.



Para sempre seu_384p (novo).indd 27 11/09/2023 17:16

Cabelo castanho comprido e preso num coque bagunçado. Olhos castanhos e grandes, cílios grossos.

Então minha ansiedade deu uma guinada – um misto violento de uma lembrança do ensino médio, eu nervoso conversando com uma garota bonita, e do estresse de conhecer uma colega de trabalho num ambiente hostil num quarto onde eu não deveria estar. Fiquei paralisado.

Isso não acontecia quando eu estava no trabalho. Nesses ambientes, minha ansiedade ficava sob controle. Eu era seguro e autoconfiante em interações com colegas e subordinados. Era um médico excelente. Mas ela me deixou aflito só de olhar para mim – o *jeito* como estava olhando para mim, irritada e impaciente. Senti minhas habilidades sociais despencarem como os batimentos de uma vítima de ataque cardíaco.

Dei um pigarro.

– É que… você esbarrou em mim ali fora – falei, sem jeito.

Ela piscou várias vezes, como se eu estivesse comunicando a coisa mais sem importância do mundo.

– Tá. Desculpa?

– Você… é… não devia correr pelos corredores.

Ela ficou me encarando.

Minha boca começou a secar.

– É que… eu era chefe da emergência no Memorial West e sei como é fácil acontecer um acidente…

Seus olhos reluziram.

– É, estou ciente do seu currículo, Dr. Maddox. Obrigada pela dica de ouro. Agora, se não se importa, eu gostaria de ficar sozinha com meu paciente.

Ela me fuzilou com o olhar. Benny me encarava. Até a enfermeira me olhava feio.

Fiquei ali mais um segundo. Então saí do quarto. O constrangimento fervilhou em minha nuca. O que eu estava pensando ao entrar daquele jeito? *Meu Deus, Jacob.*

Voltei para o meu lado da emergência, repassando na cabeça sem parar o encontro constrangedor, obcecado com o que deveria ter dito ou feito.

Que *idiota*.

Em primeiro lugar, eu não deveria tê-la abordado enquanto ela estava



Para sempre seu_384p (novo).indd 28 11/09/2023 17:16

com um paciente. Talvez devesse ter começado falando que ela havia quebrado meu celular, para que soubesse que eu não estava ali só para pegar no pé dela por correr.

*Talvez eu devesse ter deixado para lá.*

Teria sido melhor deixar para lá. Porque assim não teria acontecido nada. Eu deveria ter dito apenas "Quarto errado" e ido embora.

Meu Deus, como eu era babaca. Estava conseguindo me tornar a pessoa mais odiada do Royaume.

Devido a anos de terapia, eu sabia que estava me remoendo à toa. Que aquela conversa provavelmente não tinha sido nada de mais para ela, mas para mim era a coisa mais constrangedora da minha vida. Uma década depois, deitado na cama, eu abriria os olhos de repente e me lembraria do olhar incrédulo que ela me lançou – eu, o cara que tivera a audácia de entrar no quarto onde ela estava atendendo e falar sobre o risco de correr até o quarto de um paciente crítico, alguém que ela obviamente conhecia e por quem tinha carinho.

Passei a segunda parte do dia na minha. A ansiedade parecia palpável. Uma corrente elétrica zumbindo debaixo da minha pele, um instinto de sobrevivência disparado, me atormentando, me dizendo para fugir. Não consegui me livrar dela nem apaziguá-la.

Geralmente os ansiolíticos me acalmavam, mas a ação dos remédios tinha limite. Eu precisava administrar o estresse, usar estratégias de enfrentamento que tinha aprendido na terapia. O mais importante: precisava ter um estilo de vida propício ao bem-estar. Era o que achava que estava fazendo ao ir para o Royaume, saindo de uma situação insalubre no Memorial West com Amy e Jeremiah, fazendo uma escolha que seria o melhor para minha saúde mental.

Mas aí aconteceu *aquilo*.

Eu sabia que andava quieto e taciturno e que isso não me ajudava a conquistar os enfermeiros frios do meu plantão, mas estava tão ensimesmado que não conseguia me conter. Tinha trocado a visão diária de Amy e Jeremiah por uma equipe inteira de pessoas que me detestavam.

Sempre tive dificuldade para fazer amigos. Fico nervoso em ambientes sociais desconhecidos, então sempre digo a coisa errada ou fico retraído, e as pessoas demoram para se afeiçoar a mim. Talvez eu só precisasse de um



Para sempre seu_384p (novo).indd 29 11/09/2023 17:16

tempo ali também. Mas algo me dizia que aquele lugar era diferente. Eles eram uma panelinha. Parecia que eu tinha voltado à escola. Eu era o estranho e continuaria sendo o estranho, principalmente se seguisse estragando tudo como estava fazendo. E não sabia como parar.

Ainda faltava mais uma hora de plantão, mas eu precisava de um tempo. Minha bateria mental tinha acabado de novo. Não queria encontrar aquela mulher na sala dos médicos, então voltei para o depósito de suprimentos.

Mas, quando cheguei lá… não estava vazio.



Para sempre seu_384p (novo).indd 30 11/09/2023 17:16

CONHEÇA OS LIVROS DE ABBY JIMENEZ

Parte do seu mundo
Para sempre seu

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br